



A SURDOCEGUEIRA: ESTUDO DE CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

*DEAF-BLINDNESS: A MIDDLE
SCHOOL CASE STUDY*

KETLIN LISIANE DA SILVEIRA TESCHE DE OLIVEIRA

RESUMO

A educação de alunos surdocegos é uma área que requer atenção especial, pois a surdocegueira é uma condição única e não pode ser desmembrada por apenas surdo ou apenas cego. O presente trabalho tem como objetivo definir as características de um aluno surdocego e o estudo de caso de um aluno com essa condição, matriculado no sétimo ano do fundamental, o qual passa por uma série de testagens para encontrar a melhor maneira de adaptar materiais para uso durante a sua aprendizagem. O método utilizado foram as análises das obras de autores que estudaram sobre a surdocegueira e o estudo de caso, relatando a experiência observada. Verificamos que, para o caso do aluno em questão, os materiais a que ele mais se adaptou foram com o uso do plano inclinado e a ampliação do material com espaçamento, assim como também percebemos que apesar desse aluno ter se identificado nestas condições, outros alunos não serão iguais, devendo fazer novas adaptações. Consequentemente, a partir das testagens efetuadas, podemos definir metodologias mais acessíveis para esse aluno a fim de que ele consiga fazer sua aprendizagem de forma satisfatória.

Palavras-chaves: Surdocegueira. Estudo de caso. Testagem pedagógica.

ABSTRACT

The education of deaf-blind students is an area that requires special attention, since deaf-blindness is one singular characteristic that cannot be broken down into just deafness or just blindness. This article aims at defining the characteristics of a deaf-blind student and the case study of a seventh-grade student with this condition, who undergoes a series of tests to find out the best way to adapt materials to use in his learning process. The method used was the analysis of works by authors who studied deaf-blindness and the case study itself, reporting the observed experience. We verified that, in the case of this particular student, the materials to which he most easily adapted were the ones with the use of the inclined plane and the expansion of the material with spacing. We also noticed that, despite this student having better adapted himself to these conditions, other students will not behave the same way, and new adaptations must be made. Consequently, from the tests carried out, we can define methodologies that are more accessible for this student so that he can go through his learning process satisfactorily.

Keywords: Deaf-blindness; Case study; Pedagogical testing.

KETLIN LISIANE DA SILVEIRA TESCHE DE OLIVEIRA

Professora, Licenciada em matemática, docente em escola pública especial para surdos.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente escolar sempre é cheio de desafios para o professor. A cada ano letivo, novos alunos ingressam na rede pública e com eles novas investigações de como o docente pode melhorar o seu modo de transmitir o conhecimento. Porém, quando estes se deparam com necessidades específicas nos alunos, acontece uma reação adversa de medo e insegurança. Se, no ensino de alunos surdos, os desafios já são grandes, maiores ainda são os desafios de ensinar alunos surdocegos.

Assim, primeiro devemos entender como classificar e especificar estes alunos, para depois pensar quais caminhos devemos tomar e quais práticas pedagógicas podemos encontrar e utilizar. O tema escolhido para o presente trabalho teve como estímulo o desafio de ensinar um aluno surdocego, matriculado em uma escola pública especial para alunos surdos. O grande obstáculo era como seguir com o ensino desse aluno, que já tem a Libras adquirida, mas contém dificuldades na sua adaptação em sala de aula e a seus materiais. Deste modo, iniciei uma série de pesquisas em prol de amparar as carências deste educando e, em seguida, testes pedagógicos foram realizados para dar suporte às atividades a serem desenvolvidas.

Inicialmente, na fundamentação teórica se abordará a classificação do que é um aluno surdocego e quais as atenções

especiais que devem existir ao se deparar com um aluno com essa necessidade adicional. Após isso, será apresentado o relato de um estudo de caso realizado, com um aluno da rede pública, durante o período de quatro meses, em que foram desenvolvidas testagens dentro e fora da sala de aula. Na sequência, os resultados e discussões trarão uma breve contextualização do que se alcançou durante o estudo de caso. E, por fim, a conclusão com destaque em que cada aluno é um ser único e deve ser estudado com individualidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino na educação especial enfrenta uma grande diversidade de necessidades que os alunos desta educação possuem. As buscas de formações para cada necessidade são incessantes. Assim, nesse contexto, dentro de uma escola especial para surdos, encontra-se um aluno com uma particularidade chamada surdocegueira. Essa necessidade não se enquadra na mesma classificação e nem nos mesmos métodos como se é trabalhado com os demais alunos desta escola. Então a equipe de docentes parte em buscas desses novos desafios. A primeira questão é entender o que é a surdocegueira.

Assim:

As pessoas surdocegas são indivíduos com perdas percentuais da visão e da audição. Essas perdas podem estar associadas, e o grau de prejuízo a

cada um dos sentidos pode ter variações e graduações, ou, ainda, pode ser total. A pessoa que sofre a perda percentual da audição pode compensar essa perda por intermédio do sentido visual e vice-versa. Contudo, em casos que ocorrem a perda de dois sentidos, a vida diária fica muito mais difícil e requer adaptações mais rigorosas. (CARRIER; MOREIRA, 2017, p.230)

Nessa perspectiva, as pessoas consideradas surdocegas são aquelas que apresentam perda da audição e da visão ao mesmo tempo. Não necessariamente é de forma total ou severa, mas quando há algum grau de perda nos dois sentidos juntos. Carrier e Moreira (2017) também ressaltam que a surdocegueira, dentro de seus variados tipos de aquisição - sendo adquiridos ou desenvolvidos por doenças, traumas, lesões, de forma congênita e/ou por questões pré-natais - , está inserida na classificação de deficiência múltipla, isso implica que, além da visão e da audição, o indivíduo também tem afetadas algumas funções do seu organismo, comprometendo o desenvolvimento motor, neurológico, emocional, linguístico, assim como sua autonomia. Esses comprometimentos sensoriais do indivíduo surdocego irão se destacar na sua vida escolar, pois lá ele mais precisará de sua autonomia para desenvolver as atividades necessárias durante as aulas, como também suas habilidades motoras, intelectuais e sensoriais serão testadas.

Portanto, nota-se que as características de intera-

ções de uma pessoa com surdocegueira em seu ambiente são marcadas pelas carências de estímulos, o que pode desencadear um desenvolvimento atípico, compatível com os limites impostos pela combinação das deficiências visuais e auditivas. Contudo, o trabalho com alunos surdocegos baseia-se no princípio de estimular a utilização plena de seu potencial e dos sentidos remanescentes. (COSTA et al., 2019, p.5).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo do presente trabalho foi um estudo de caso de um aluno surdocego matriculado na rede estadual de ensino em uma escola especial para surdos. Primeiro buscou-se base teórica sobre a surdocegueira e suas especificidades, para então chegar ao estudo de caso e realizar as testagens do aluno. Esta pesquisa teve caráter exploratório em que “a pesquisa exploratória permite um conhecimento mais completo e mais adequado da realidade. Assim, o alvo é atingido mais eficientemente, com mais consciência.” (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 324).
Descritiva:

Exposição das características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode ampliar-se para o estabelecimento de correlações entre fatores ou variáveis ou, ainda, para definição da natureza de tais correlações. Não tem, contudo, o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora possa servir de base para tal explicação. Pesquisa de opinião insere-se nesta classificação. (VERGARA, 1990. P.5)

Como também ocorreu um estudo de caso: cujo objeto pode ser qualquer fato/fenômeno individual, ou um de seus aspectos. Exige do pesquisador grande equilíbrio intelectual e capacidade de observação (“olho clínico”), além de parcimônia quanto à generalização dos resultados (SANTOS, 1999, p.29). Assim, com o estudo de caso, buscou-se observar o aluno e realizar as testagens de materiais pedagógicos a que ele se adaptasse melhor. Dentro da pesquisa de estudo de caso, houve muitos debates e foram assistidas algumas palestras no assunto de surdocegueira para formação do autor deste trabalho.

4. ESTUDO DE CASO

Este estudo de caso iniciou com o recebimento de um aluno surdocego em classe de sétimo ano do ensino fundamental. O aluno anteriormente já estudava na mesma escola especial para alunos surdos; porém, até então, ele era considerado apenas um aluno surdo e as metodologias utilizadas para o ensino deste educando era o ensino típico como para todos os alunos de sua classe. Então no ano de 2020, durante a pandemia do COVID-19, ele ingressa no sexto ano do ensino fundamental e as dificuldades com as tecnologias começam a aumentar, pois ele fazia uso de um celular para assistir suas aulas. A tela do celular não favorecia sua aprendizagem, devido a ser muito pequena, não atendendo à sua necessidade.

Nesse mesmo ano, a aprovação dele foi automática, conforme ordens da secretaria de educação do estado, então ele vem a ingressar no sétimo ano do ensino fundamental.

O início do ano de 2021 ocorreu como no ano de 2020, ainda enfrentando a pandemia do COVID-19 até metade do segundo semestre do ano, em que as aulas semipresenciais retornam, de modo que os alunos têm a possibilidade de ir uma vez na semana na escola para tirar dúvidas. Aqui começa o trabalho deste estudo de caso. Neste momento percebem-se as dificuldades que este aluno tem com sua visão: ele é um aluno surdo em grau severo, mas faz uso da Língua de Sinais (Libras) fluentemente - sua família tem papel importante nessa aquisição e incentivo da LS; porém, em relação à visão, ele tem muita dificuldade em se adaptar na sala de aula.

Com as devidas adequações, é possível incluir o aluno com deficiência nas situações de aprendizagem que os demais estão vivendo. Atender às diferenças individuais que o estudante possa apresentar viabiliza a igualdade ao acesso e permanência na escola a que todos têm direito. (BIGATE; LIMA, 2019, p.1).

“Reconhecendo a singularidade da surdocegueira e ao mesmo tempo a heterogeneidade desses sujeitos que são imprevisíveis, diversos, diferentes como todo e qualquer ser humano” (FARIAS, 2015, p.

21). Lembrando da essência fundamental do ensino de surdocegos “ que é compreender cada aluno surdocego como uma pessoa completa” (GALVÃO; MIRANDA, 2013, p.57).

A partir do pensamento focado no aluno e este sendo surdocego e não apenas surdo, iniciamos o trabalho de adaptação para a melhor aprendizagem deste, como também a busca de formação e subsídios que pudessem auxiliar no objetivo. A primeira etapa da adaptação foi a testagem com a ampliação do material. Todo material utilizado na aula era ampliado para o aluno e entregue para ele usar, porém apenas a ampliação do material não estava sendo adequada à capacidade que o aluno possuía. Passamos a utilizar um tiposcópio (confeccionado pelas professoras. Material adaptado dentro da escola) e verificar a adaptação do aluno com o material; porém, ele conseguia usar em algumas disciplinas e em outras ele ficava com dificuldade pelas diferenças de atividades. Esse tiposcópio era usado junto ao material ampliado. Foi então descartado o uso desse instrumento, pois neste caso o aluno não se adaptou a nenhum formato utilizado.

Em uma das buscas por alternativas em pesquisas e formação foi encontrado o uso de plano inclinado. Realmente, o aluno, devido à sua altura, reclamava de dores no pescoço em determinados momentos. Então os professores confeccionaram um plano inclinado para este alu-

no, a fim de testar sua aplicação. O aluno participou de toda a fase de construção e pôde opinar em como ele achava que ficaria melhor para sua utilização. Este material foi um sucesso. O aluno ficou muito feliz e conseguiu fazer suas atividades com mais facilidade. Claro que a ampliação das atividades ainda é utilizada, mas, com o auxílio do plano inclinado, o educando conseguiu usá-las mais facilmente.

Ainda assim, não havia padrão nas ampliações das atividades e também faltavam muitas informações sobre as necessidades desse aluno; informações que ele mesmo não conseguia expressar para os professores. Diante deste contexto, um dos professores da área conseguiu uma consulta para uma testagem pedagógica na ADEVIC (Associação dos Deficientes Visuais de Canoas). Essa testagem foi voltada para a maior prioridade naquele momento: recursos pedagógicos para o aluno com foco na visão. Durante a consulta foi verificado se o aluno percebia as diferenças nas cores e em suas nuances, se ele conseguia fazer uma pintura dentro da linha, qual a distância que o aluno percebia os objetos, a percepção de reflexos ao jogar um objeto de surpresa nele, se ele conseguia chutar a bola em diversas direções, o campo visual dele e a movimentação no espaço. Também foram testadas junto ao aluno, a fonte de letra, tamanho, lupas e espessuras de letras.

A escola em que o aluno está matriculado ao mesmo tempo foi em busca

de materiais tecnológicos os quais estão sendo testados com o mesmo. Os materiais são lupas eletrônicas que facilitam a aprendizagem em sala de aula, para que ele consiga fazer leituras de textos e de suas atividades.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as afirmações de Carrier e Moreira (2017) levamos em conta quem é o indivíduo surdocego, que é aquele que possui perda sensorial nos dois sentidos (visão e audição) ao mesmo tempo, ou seja, este indivíduo pode sofrer perda profunda em um dos dois sentidos sensoriais e no outro pode ser leve; pode ser profunda, como também pode ser uma perda leve nos dois sentidos sensoriais. Fazendo a conexão com o estudo de caso e as proposições de Carrier e Moreira (2017), nosso aluno em questão sofre uma perda profunda de audição e uma perda severa na visão, o que se encaixa na classificação de surdocego.

Carrier e Moreira (2017) ainda afirmam que, por consequência da surdocegueira, o indivíduo pode ter afetado alguns dos outros sentidos sensoriais, comprometendo o desenvolvimento motor, neurológico, emocional, linguístico, assim como sua autonomia. O que foi percebido com o aluno, pois este era muito dependente de seus professores, e um dos primeiros pontos a serem trabalhados foi a autonomia do mesmo. Para que, além de ele se sentir igual a seus pares (colegas), ele

também perceba as suas próprias capacidades, o que é complementado por Costa (2019), quando diz que a falta de estímulos sensoriais prejudica o educando em suas atividades, reforçando que o professor deve propor atividades específicas para este aluno que favoreçam as suas habilidades e capacidades.

No estudo de caso nota-se que o aluno possuía um déficit de estímulos por falta de informações daqueles que o educavam (pais, professores etc.). Mesmo que os pais, muito esforçados, tentassem influenciar o aluno a adquirir conhecimento, não obtinham total sucesso, pois ainda faltavam ferramentas para auxiliar este aluno. Com a equipe de professores não foi diferente; porém, no retorno presencial, foi possível acompanhar mais de perto as necessidades do aluno e com as testagens pedagógicas o próprio aluno conseguiu expor suas dificuldades e angústias no ensino. Como resultado dos testes, notou-se até então que o aluno consegue fazer suas atividades desde que elas sejam ampliadas para fonte Arial ou Tahoma, caixa alta, tamanho 24, com espaçamento 1,5 nas entrelinhas. Ele consegue distinguir as nuances de cores perfeitamente, mas o desenho precisa de linhas bem marcadas para que ele consiga pintar. Ele demonstrou bom deslocamento no espaço com obstáculos e percebeu objetos do tamanho de uma palma de mão a uma distância de 1,5m. Conseguiu também mostrar que tem um campo am-

plo de visão para perceber movimentos, mas na leitura ele aproxima bem o rosto do papel. O plano inclinado foi de grande importância para a realização de suas atividades, pois deu maior conforto visual e ergonômico para o aluno.

Dentro de todas as testagens realizadas ainda há muito a ser feito. O tempo de aplicação e observação foi pouco satisfatório, devido ao pouco tempo de retorno das aulas presenciais.

6. CONCLUSÃO

A partir do exposto acima percebemos que, quando falamos sobre alunos surdocegos, não podemos tratar suas necessidades em cima apenas da surdez ou apenas de cegueira, temos que pensar no conjunto de necessidades que esta situação nos traz e trabalhar com metodologias que envolvam a evolução das habilidades do educando.

Diante das testagens apresentadas temos uma direção de qual caminho podemos seguir com as práticas pedagógicas que melhor se adequaram ao aluno, assim como as metodologias que poderemos utilizar e as que não farão sentido na aprendizagem deste aluno. A observação e a avaliação constante são muito importantes, pois as necessidades podem mudar com o passar do tempo. E outro ponto muito importante é que cada aluno é único; então, para novos alunos teremos novos desafios a serem enfrentados.

REFERÊNCIAS

BIGATE, Thaís Ferreira; LIMA, Neuza Rejane Wille. Práticas pedagógicas no processo de reabilitação de alunos com surdocegueira. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/34756/html>. Acesso em: 01 dez. 2021.

CARRIER, Greici Francieli Machado Stein; MOREIRA, Daniela Almeida. Reflexões sobre a surdocegueira: definições teóricas e um relato de experiência. *Revista Espaço*, n. 47, 2017. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/363>. Acesso em: 21 nov. 2021.

COSTA, Denise Ferreira da. et al. O processo do desenvolvimento dos alunos com surdez/cegueira. *Revista Científica Semana Acadêmica*, Fortaleza, n.92, 2016. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/o-processo-do-desenvolvimento-dos-alunos-com-surdezcegueira>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FARIAS, Sandra Samara Pires. Os Processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na Educação Básica. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18190>. Acesso em: 01 dez. 2021.

GALVÃO, Nelma de Cássia Silva Sandes; MIRANDA, Theresinha Guimarães. Atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 19, n. 1, p. 43-60, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291053330_Atendimento_educacional_especializado_para_alunos_com_surdocegueira_um_estudo_de_caso_no_espaco_da_escola_regular. Acesso em: 01 dez. 2021.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101995000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. Metodologia científica: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



VERGARA, Sylvia Constant. Tipos de pesquisa em administração. Revista de administração pública, Botafogo/RJ, n.52, p. 2-9, 1990. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/12861> . Acesso em: 22 out. 2021.